

Voz da Fátima

Director, Editor e Proprietário: Dr. Manuel Marques dos Santos / Empresa Editora: «União Gráfica» — R. de Santa Marta, 158-Lisboa / Administrador: P. António dos Reis

A nova Igreja de Lisboa, em honra de NOSSA SENHORA DA FÁTIMA

Lisboa viveu nos passados dias 12 e 13 de Outubro uma festa que a fêz vibrar.

E com razão.

Com uma perseverança e uma vontade inabaláveis Sua Eminência o Senhor Cardial Patriarca de Lisboa conseguiu levar a cabo a construção da igreja de Nossa Senhora da Fátima em plenas Avenidas Novas, na Avenida de Berne para serviço de uma paróquia criada agora por desmembramento da freguesia de São Sebastião da Pedreira.

E foi Sua Eminência quem teve a consolação de no dia 13 de manhã a benzer e inaugurar.

A IGREJA

É o primeiro templo notável que surge em Portugal construído todo em arte nova ou como dizem em estilo moderno.

Agrada. A torre é esbelta. O baptistério aconchegado e harmonioso. O exterior sóbrio. No interior toda a atenção se vai insensivelmente concentrar no altar-mor, um altar simples e majestoso que um trono ingénuo protegido de enorme baldaquino encima e remata. Não há acessórios desnecessários. A imagem da Senhora, de mármore branco, fora do altar ao lado da Epístola.

Os altares laterais com suas imagens ficam discretamente colocados na penumbra das duas naves laterais mal esboçadas.

Revestem-na, pelas paredes frescos litúrgicos que lembram ora os primitivos da Umbria, ora Fra Angélico, ora distantes esboços das figuras másculas de Miguel Ângelo.

Nas janelas aos lados no em figurado múltiplo, ora fustigadas, ora em gestos simbólicos.



Humilde homenagem da «Voz da Fátima» a Sua Eminência o Senhor D. Manuel, Cardial Patriarca de Lisboa, a cuja iniciativa se deve a construção da Igreja Monumental de Nossa Senhora da Fátima, em estilo moderno, na Avenida Berne.

côro e órgão monumental e na A igreja é de cimento armada. Mas não falta o mármore que encerra a capela mor uma revestimento. Mármore nos altares, nas

paredes e no próprio pavimento.

Uma lindíssima Via-Sacra põe nas paredes uma nota viva de ternura.

Sacristias amplas e uma confortável residência paroquial completam o nobre conjunto de aspecto monumental que acaba de enriquecer Lisboa sob o ponto de vista artístico.

A FESTA

Teve três fases a festa de inauguração.

No dia 12 estreia do órgão um dos melhores da península, a que as mãos do Mestre Rosa de Carvalho deram vida, graça e encanto.

No dia 13 bênção da igreja e pontifical por Sua Eminência o Senhor Cardial Patriarca.

À tarde Magnificat, alocução pelo Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Senhor Bispo de Leiria que ali foi levar as saudações dos peregrinos reunidos na Fátima e no fim **Te-Deum**.

À noite solene procissão das velas.

Sempre uma multidão enorme, muito respeito e atenção.

A música a cargo do Seminário dos Olivais primorosamente executada.

Quando, à noite, nos retirávamos, a grande cruz da torre despedia do alto enorme clarão...

Deus queira que a igreja e o culto de Nossa Senhora da Fátima sejam um farol a apontar às almas o caminho a trilhar para glória de Deus e nosso maior bem.



Marques dos Santos recita comoventes actos de desagravo ao Santíssimo Sacramento a que se associa, repetindo-os em voz baixa, a multidão dos fiéis. Por estar decorrendo o mês de Outubro, mês consagrado de modo especial pela Santa Igreja a honrar a Mãe de Deus sob a invocação do Santíssimo Rosário, a cada vez do têrço reza-se durante as duas horas de adoração geral o rosário inteiro.

Antes de cada têrço, o rev. dr. Galamba de Oliveira proferiu uma breve alocução comentando os mistérios gozosos, dolorosos e gloriosos.

Das 2 às 6 horas, fazem respectivamente em cada hora o seu turno de adoração as peregrinações de Alfama, da Capela de Nossa Senhora dos Anjos do Pôrto, de Torrozelos com as da Várzea, Ferradoza e Azinhaga, e de S. Tiago de Lisboa.

//

As 6 horas, depois de dada a bênção eucarística e de encerrado o Santíssimo, principia a Missa da comunhão geral no altar exterior ao alto da escadaria. Recebem o Pão dos Anjos muitos milhares de pessoas.

Desde as 4 horas, as Missas sucedem-se sem interrupção nos numerosos altares do Santuário.

Das 6 às 10 horas, têm as suas Missas privativas que se celebram no altar exterior da igreja peregrinações de S. Tiago de Lisboa, Alfama Nespereira, Torrozelos, Várzea, Ferradoza e Azinhaga, estas últimas quatro em conjunto.

//

Ao têrço do rosário em comum como preparação para os últimos actos litúrgicos oficiais, seguiu-se a primeira procissão com a veneranda Imagem de Nossa Senhora da Fátima numa indescritível manifestação de piedade geral. Era meio-dia quando principiou a Missa dos doentes. Foi celebrada pelo rev. dr. Bernardo Xavier Coutinho, professor no Seminário do Pôrto. A *Schola cantorum* executou primorosamente a Missa dos Anjos com acompanhamento de harmonio. Terminado o Santo Sacrifício, é exposto solenemente o Santíssimo Sacramento e Sua Ex.^{cia} Rev.^{ma} o Senhor Bispo de Leiria, dá a bênção indi-

(Continua na 2.ª pág.)

A grande Peregrinação de 13 de Outubro

A peregrinação de 13 de Outubro último ao Santuário de Nossa Senhora da Fátima revestiu extraordinário brilho graças sobretudo à enorme afluência de fiéis de todos os pontos de Portugal à Cova da Iria.

Deu-lhe também particular realce a feição nova que se lhe imprimiu, de agradecer a Deus a inauguração da igreja de Nossa Senhora da Fátima em Lisboa, a conservação da paz mundial, e a preservação do flagelo da guerra que esteve prestes a desencadear-se quinze dias antes.

A noite de 12 para 13 esteve bastante amena sem o incómodo nevoeiro próprio da presente quadra do ano e com as estrelas a cintilar no firmamento.

A procissão das velas foi linda, piedosa e encantadora. A multidão dos crentes enchia as avenidas do Santuário.

Entre outras lá seguem, atrás dos seus ricos e vistosos estandartes, as peregrinações de Arganil, Foz do Douro, S. Pedro do Rêgo da Murta, Torrozelos, Colares, S. Tiago de Lisboa, Ag. da, Nespereira de Sinfães, Costa da Caparica, Vila Nova

de Miranda do Corvo, Lousã e Capela dos Anjos do Pôrto.

O maravilhoso cortejo percorre as avenidas, pára em frente da igreja, dá a volta por traz da Penitenciária e vai concentrar-se na vasta esplanada do Rosário. Nem uma só vela se apaga, porque não sopra a mais leve ventação. Diante da capela das aparições ardem em dois grandes tocheiros, incessantemente renovadas pela piedade dos fiéis dezenas de velas votivas em honra da Rainha da Fátima. Entretanto o astro da noite sobe lentamente no espaço com ma-

jestosa serenidade envolvendo no manto do luar o local bendito das aparições cujos globos brancos como gracioso remate da sua poalha de ouro a grande cruz do pórtico central profusamente iluminada.

//

Cantado o *Credo* pela *Schola cantorum*, deu-se início à tocante cerimónia de adoração de Jesus-Hóstia solenemente exposto no altar do pavilhão dos doentes.

É meia-noite em ponto. Junto do microfone, o rev. dr.

A RESPOSTA DOS CATÓLICOS AO CONGRESSO DOS SEM-DEUS EM LONDRES

Em princípios de setembro, esteve reunido, em Londres (capital da Inglaterra) o congresso dos sem-Deus, promovido directamente pela liga ateia da Rússia, a fim de estudar novos e mais tenebrosos planos para a bolchevização do mundo.

Nêlo tomaram parte representantes de vários países do Globo.

O Governo inglês para que o caso não desse tanto nas vistas e não fizesse levantar protestos, obrigou-os a trocar o nome de «sem-Deus» pelo de «divre-pensadores».

Mudança de rótulo que em nada alterou o espírito e as decisões da blasfema e impia assembleia de in-crédulos.

O que esses insensatos — só um insensato, no dizer da Sagrada Escritura pode afirmar que não há Deus — tinham a dizer, disseram-no na mesma e as suas reivindicações ficaram bem formuladas no programa de acção a que dora-avante vão ser subordinadas todas as actividades ateístas que o mesmo é dizer comunistas.

Citaremos alguns pontos desse programa infame:

«Laicização de todos os serviços públicos; supressão de todos os sinais religiosos das escolas; recusa de licença para a erecção de novos templos e restauração dos existentes; estabelecimento de cursos de moral laica impostos pelos Estados; supressão dos nomes religiosos nas ruas e nas praças; recusa de convites do clero para assistência a quaisquer actos religiosos» etc., etc.

A resposta dos Católicos

Os católicos não podiam calar-se perante tão tremendo insulto às suas crenças.

Não ficariam bem vistos nem diante de Deus nem diante dos homens.

Diante de Deus, por que impiamente ofendido, negado e escarneado, tinham obrigação de, com penitências e orações O desagravar.

Diante dos homens por que estes esperavam d'elles, e com muita razão, um protesto bem vivo e enérgico contra tamanha afronta à sua consciência de católicos.

Graças a Deus não faltaram nem protestos nem desagravos.

Desagravos houve-os por toda a parte. Rara foi a diocese em Portugal e por esse mundo fora, onde se não fizessem actos de reparação à Majestade de Deus tão gravemente ofendida.

E os protestos — que foram também e sobretudo desagravos, levantaram-nos bem alto e impressionantemente os católicos de Londres — os mais vexados com a reunião ateista, dando ao mundo inteiro um raro exemplo de sinceridade e de convicção.

Correspondendo ao convite dos três bispos das três dioceses em que está dividida a cidade de Londres, organizaram uma grandiosa marcha que para ser mais imponente e majestosa quiseram fôsse feita em silêncio.

Calcule-se o espectáculo que aqui não havia de ser!

53 mil homens — e só homens porque as mulheres foram proibidas de tomar parte e mandadas para os templos rezar — 53 mil homens de cabeça descoberta, rosto grave, lábios em oração, a marchar num cortejo com mais de dois quilómetros de comprido, ordenada e cadenciadamente, sem uma voz que se ouvisse a quebrar aquêlo silêncio impressionante e quasi misterioso, devia ser realmente coisa para meter respeito e causar espanto ao próprio indiferentismo materialista das grandes cidades. Por isso a policia aqui e além tinha que fazer cordões para conter a multidão dos espectadores.

Os boletins meteorológicos davam chuva abundante naquele dia, em Londres, mas eles não se importam. Iam preparados para tudo isso e muito mais. Deus, porém, que

é infinita Bondade, dignou-se mandar-lhes, um radiante sol contra todas as expectativas.

A marcha tinha o seu «terminus» na Catedral de Westminster. Esta é relativamente pequena e só comporta 4 mil pessoas. Não importa, as outras 49 mil ficam resignadamente dispersas pelos jardins e ruas vizinhas da catedral.

Uma vez aqui, seguiu-se a exposição e bênção do Santíssimo que todos receberam respeitosa e devotamente.

Fé de nossos pais! santa Fé ser-te-emos fiéis até à morte!

foi o último cântico, o último grito e a última promessa que aquela multidão de crentes soltou, fremente, de seus corações ateados, proclamando bem alto a alta vitalidade de que goza actualmente a Igreja Católica na Inglaterra. Sim, o catolicismo é hoje na Grã-Bretanha uma grandiosa e consoladora realidade.

Os católicos que no século passado eram apenas 200 mil são no nosso tempo para cima de 2 milhões.

Que Deus abençoe, fecunde e faça frutificar essa esperançosa semente de fé!

A grande Peregrinação de 13 de Outubro

(CONTINUAÇÃO DA 1.ª PÁGINA)

vidual aos que antes a quem prestaram os seus serviços, além do director sr dr. Pereira Gens, os srs. drs. Weiss de Oliveira, João Bettencourt, Queiroz, Cunha Gil, Augusto Mendes e outros distintos clínicos. Os doentes são mais de trezentos. Leva a umbrela o Almirante sr. João Baptista Barros, Superintendente Geral da Armada. O rev. dr. Marques dos Santos faz ao microfone as costumadas invocações que enchem de comoção os fiéis e especialmente os doentes, arrancando l'grimas de muitos olhos. Entre os servitas, encontram-se os Srs. José Maria de Sousa Guedes, engenheiro Rocha e Melo, Coronel Domingos Patacho, dr. Carlos de Azevedo Mendes, dr. António Tavares e ainda o grande miraculado de Maio, empregado na Câmara Municipal de Lisboa que, cheio de vida e de saúde, corre de um lado para o outro, contente e feliz, distribuindo água aos doentinhos.

Dada a bênção aos doentes antes da bênção geral, o Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Senhor Bispo de Leiria pronunciou uma bela e sentida alocução de que damos a seguir os tópicos principais:

«Há 15 dias estava o mundo sobressaltado. Havia todos os sinais de que ia começar uma guerra tremenda que ameaçava toda a humanidade. Então o Santo Padre Pio XI ofereceu ao Altíssimo a sua vida para que se mantivesse a paz. Ao mesmo tempo mandou a todos os Bispos, clero e fiéis do mundo inteiro que pedissem ao Senhor que nos desse a paz. Em todas as peregrinações da Fátima implorou-se a paz por intercessão da Santíssima Virgem. As súplicas dos peregrinos foram ouvidas. Por agora dissiparam-se

Vimos já a personalidade e a vida sem virtudes de Lutero — o monge apóstata e soberbo fundador do Protestantismo.

Discípulos e historiadores protestantes, afirmam-nos que esse homem não tinha categoria moral nem carácter.

Vamos hoje estudar a sua doutrina.

Julgo que uma pequena amostra deve bastar para dar uma ideia da exatidão desses ensinamentos em que assenta o protestantismo, que pertencem ao seu fundador e mestre.

Para Lutero: «não há escândalo maior, mais pernicioso e mais venenoso do que uma vida boa, manifestada exteriormente pelas boas obras e por uma conduta piedosa!» (Ob., edição Valch, vol. XI).

Os fundadores das outras seitas dissidentes, concordaram plenamente com Lutero em que: «as boas obras não são necessárias». Que erro tremendo!

Quanto aos pecados Lutero ensinou que «quanto mais infames e inmundos forem, tanto mais está Deus disposto a conceder-nos a sua graça». (Lutero, ob.) Que doutrina! Nem um conselho de contrição, de

penitência; nem um incitamento ao temor e ao amor de Deus! Nega a nossa responsabilidade pelas nossas obras más ou boas. Aconselha a pecar à vontade, sem freio.

Para Lutero «não existe outro pecado agora a incredulidade». (Ob. Lut. Ed. Francfort de 1543). Para Lutero, o roubo, o homicídio, o adultério, a luxúria, o ódio, a vingança, a calúnia, a mentira, etc., etc., que são?

Não se podia descer mais...

Em face desta doutrina fica-se a compreender sem esforço por que foi tão alta a onda de lama e sangue, de guerra e dúvida, de desunião e ódio, de dor e morte, lançada através da Europa pela Reforma que fomentou a devassidão mais ignóbil, os ódios mais acesos, os crimes mais infames, frutos imediatos duma doutrina má.

Cobbet (historiador reformado) diz na sua «Carta X» que «o nome de protestante, nesse tempo, equivalia ao de saltador, que é o mesmo que matador». E na «I Carta» afirma que: «tendo sido a Reforma gerada por uma lascívia bestial, dada à luz pela hipocrisia e perfídia, foi alimentada com roubos, devastações e rios de sangue».

as nuvens negras que se acastelavam no horizonte. A guerra é o maior flagelo que pode afligir os povos. Na última grande guerra perderam a vida trinta e um milhões de homens — seis vezes mais que a população de Portugal. Esta guerra trouxe consigo a peste e esta por sua vez trouxe a fome. Quantas mães ainda hoje choram a perda de seus filhos!

É justo, pois, que agradeçamos a libertação do terrível pesadelo que a todos oprimia.

Há ainda outra razão para elevarmos a nossa acção de graças à Santíssima Virgem. É hoje que se inaugura em Lisboa uma nova igreja em honra da augusta Rainha da Fátima. É um monumento de estilo moderno em honra da Mãe de Deus. Devemos agradecer a derramar abundantes graças sobre Portugal e o mundo. Fui convidado para assistir ao solene *Te-Deum* que nessa igreja se cantará esta tarde. Serei, pois, o vosso representante junto de Sua Eminência o Senhor Cardinal Patriarca e dos seus colaboradores. Quem é que, há vinte anos, julgaria que esta pequena devoção nascida neste lugar árido e deserto se havia de espalhar pelo nosso país e pelo mundo inteiro? Por isso vamos nós também cantar o *Te-Deum* em acção de graças a Jesus aqui presente no augustíssimo Sacramento dos nossos altares».

Concluído o discurso do venerando Prelado, cujas palavras impressionaram profundamente o auditório, Sua Ex.^{cia} Rev.^{ma} deu a bênção com o S.S.^{mo} a todo o povo. Seguiu-se a proclamação do Adeus em que tomou parte Sua Ex.^{cia} Rev.^{ma} o Se-

nhor Dom José Alves Correia da Silva, que antes benzeu os objectos de piedade e deu a bênção episcopal do alto da Escadaria. A linda Imagem de Nossa Senhora da Fátima é reconduzida processionalmente à capela das aparições no meio dum entusiasmo indescrevível. Milhares de pessoas saúdam a Virgem bemdita acenando com os lenços. O venerando Prelado caminha à frente do andor, no couce do cortejo formado por extensas alas de membros de Confrarias e Irmandades, seminaristas, sacerdotes e servitas. Numerosos estandartes, erguidos ao alto, dão ao imponente préstito um realce extraordinário. Colocada a augusta Imagem sobre o seu pedestal, próximo da entrada da capelinha das aparições, recita-se em voz alta o acto de consagração a Nossa Senhora a que se associa todo o povo e canta-se o Adeus, o mavioso cântico da saúde dos peregrinos. A multidão dispersa-se pouco a pouco e, a breve trecho, o vasto anfiteatro da Cova da Iria, assinalado por tantos e tão grandes prodígios do Céu, recai no silêncio e recolhimento habituais. Encerrou-se assim o ciclo mais grandioso e mais movimentado das peregrinações ao Santuário de Nossa Senhora da Fátima do vigésimo primeiro ano após as aparições, deixando bem viva na alma e no coração de centenas de milhar de portugueses a lembrança imprecívvel das cenas magníficas e encantadoras ali desenroladas.

Visconde de Montelo.

A «Voz da Fátima» é a publicação de maior tiragem de Portugal e aquela em que os anúncios são mais valiosos.

Voz da Fátima

DESPEZA

Transporte	1.685.674\$00
Franquias, emb. transportes do n.º 193	5.115\$61
Papel, comp. imp. do n.º 193 (376.000 ex.)	16.802\$60
Na administração	112\$00
Total	1.687.704\$21

Donativos desde 15\$00

Margarida Inês — Lisboa, 20\$00; Jonh Souto — América, 22\$50; Manuel Medeiros — América, 15\$00; António Maciel — América, 15\$00; Catarina Paralta — Niza, 20\$00; Rosa Machado — Porto, 15\$00; Emilia Bouhar — Porto, 15\$00; José M. Moraes — Vila Flor, 20\$00; António Lopes Silva — Brasil, 50\$00; Filipe Belliz — Castelo de Vide, 20\$00; Elvina N. da Fonseca — Lisboa, 70\$00; Elvira Corte Real — Braga, 20\$00; Glória Soares — Ovar, 15\$00; Luísa Leão — Louzada, 15\$00; Assinantes do Rachol — Goa, 160\$00; 4 devotos do Rachol — Goa, 32\$00; Sara Cereja — Porto, 15\$20; Florência Serodio — Régua, 20\$00; Virginia Machado — Porto, 100\$00; esmolos de Matosinhos, 52\$50; Maria Martins — Vila-morim, 100\$00; Ana Patrocínio Neves — Lisboa, 120\$00; António Monteiro — Bairro, 20\$00; Manuel Crisóstomo — Vila de Rei, 50\$00; Agostinho Machado — Caldas da Rainha, 50\$00; Joaquim Ferreira Gomes — Travassô, 15\$00; Teodora Ferreira — Porto, 20\$00; Manuel José Mira — Lavre, 100\$00; Amélia Albuquerque — Méda, 20\$00; Rosa S. de Souza — Barcelos, 40\$00; Ana Souza — Évora, 20\$00; Aurora Macedo — S. Marta de Penaguião, 20\$00; Delfina da Conceição — Aguiar de Sousa, 20\$00.

Gritou durante horas seguidas com dores

Só com enorme dificuldade podia andar

Esta mulher do Fundão sofria tanto de dores nas articulações que só com enorme dificuldade podia andar.

Escreveu-nos uma carta, cheia de gratidão, contando-nos quanto sofreu de uma nefrite que a fazia gritar horas seguidas, passando muitos dias sem conseguir dar um passo. Todo o corpo lhe doía. Estava cansada de tanto sofrimento quando se resolveu a tomar os Sais Kruschen e diz que, graças a estes sais, tem melhorado muito. Toma a sua dose de Kruschen todas as manhãs e parece outra mulher. As dores nefríticas e ciáticas são sintomas de alterações profundas — as mesmas perturbações que dão lugar ao reumatismo, à gota e ao lumbago. São sinais de impureza de sangue. Kruschen é uma combinação de sais naturais que asseguram a limpeza interna e mantêm o sangue puro. Um sangue novo e fresco começa a circular por todo o organismo e, assim, as nefrites, ciáticas e muitas outras doenças deixarão de atormentarem. A venda em todas as farmácias.



A cachaça é uma aguardente que se extrai das bôrras do melão e das limaduras da cana sacarina. A cachaça rebaixa o homem, o Vinho do Porto, por conta e medida, dignifica-o. O «porto» é a mais agradável bebida do mundo.

Beba «porto» como fazem os estrangeiros

Graças de Nossa Senhora da Fátima

Cura de tuberculose pulmonar

NA MADEIRA

O Rev. P.^o José Lino da Costa — Ilha da Madeira, pede a publicação do relatório seguinte enviado à «Voz da Fátima»: — «Facto extraordinário se deu na pessoa de Maria Bela Gonçalves, de 23 anos de idade, natural da freguesia de Câmara dos Lobos, e recolhida há 10 anos no Orfanato do Santo da Serra.

Esta senhora no dia 12 de Junho do corrente ano (1935) foi ao médico dr. João Teixeira de Aguiar, que a achou numa fraqueza extrema; no dia 27 do mesmo mês foi a outro médico dr. Nuno Vasconcelos Pôrto e este declarou que a pequena estava perdida, tendo de ser recolhida no Hospital dos Marmellos, no Funchal.

Entrou lá no dia 1 de Julho, tendo mandado fazer a análise da expectoração. Na enfermaria dos tuberculosos uma das doentes disse-lhe: «tome umas gotinhas da água do Santuário da Fátima e comece uma novena de orações à mesma Senhora em seu favor que talvez assim recupere a saúde».

Tomou a água e fez a novena de orações.

A 27 de Julho fez-se nova análise à expectoração, não se encontrando bacilo algum nem vestígios de doença.

No dia 1 de Julho com muito custo havia subido para o carro que a conduziu ao Hospital, tossindo constantemente e apresentando um rosto cadavérico. No dia 29 do mesmo mês segue novamente para o Orfanato completamente curada, não sentindo o mais pequeno cansaço e entregando-se lá a todos os mesmures a que estava acostumada, sem tosse e com boa aparência. Bemdita seja para sempre Nossa Senhora da Fátima».

NO CONTINENTE

D. Olívia dos Santos — Portimão, pede aqui seja manifestado o seu reconhecimento a Nossa Senhora da Fátima por diversos favores espirituais e temporais que tem recebido por sua maternal intervenção, algumas vezes em circunstâncias bem difíceis em que se encontrava.

D. Maria da Conceição Sampaio — Lisboa, diz: — «Tendo em Dezembro último uma grave pneumonia da qual estive muito mal, recorri à Virgem Nossa Senhora da Fátima, prometendo-lhe que, se me alcançasse a saúde, mandaria publicar no Jornal «Voz da Fátima» esta graça. Como a Mãe Santíssima me fez esse favor venho hoje cumprir o que prometi a tão boa Mãe que se dignou atender-me».

D. Maria Cabaço Frade — Vila Franca de Xira, deseja manifestar o seu agradecimento ao Sagrado Coração de Jesus que, por intermédio de Nossa S.^a da Fátima, diz, lhe curou sua irmã Deolinda C. Vieira, gravemente doente por motivo de um parto.

Em carta de Julho de 1935, João Ribeiro — Lisboa, diz o seguinte: — «Venho por este meio rogar se dignem mandar publicar no conceituado Jornal «Voz da Fátima» a concessão de duas graças muito importantes que obtive para minha filha por intercessão da Virgem Nossa Senhora da Fátima, a quem recorri com muito fervor em momentos de séria aflição».

D. Laura Quaresma — Pôrto, escreve em 1935 pedindo a seguinte publica-

ção na «Voz da Fátima»: — «Faz em Setembro 7 anos que meu sobrinho Nuno de S.^a Maria, que então tinha 11 meses, teve uma infecção intestinal com complicações no fígado, e juntamente ataque de meningite, chegando a estar completamente cego. O sr. dr. Angelo das Neves, amigo de minha família, e que com todo o cuidado e interesse o tratava, chegou a dizer que a criança não podia resistir, e que o fim da sua vida estaria próximo e que nada mais lhe podia já fazer com esperanças de vida. Eu estava ausente com meus pais, mas como fôsse prevenida de que o pequeno estava gravemente doente, vim com meus pais ao Pôrto para o ver, e observando o seu estado gravíssimo, fui buscar água do Santuário que, felizmente, tinha em minha casa. Quando principiou a dar novo ataque a meu sobrinho, o pai deu-lhe um pouco da água do Santuário e a criança ficou sosegada, baixando muito a alta temperatura que tinha, e, quando, à noite o médico numa das suas repetidas visitas diárias o veio ver, ficou admirado achando tantas melhoras. Dêse dia em diante continuou sempre a melhorar de dia para dia encontrando-se já há anos completamente bem. Graças a Deus ficou sem defeito a pesar de ter tido o ataque de meningite.

Ele com a idade de 3 anos foi agradecer a Nossa Senhora a grande graça recebida por sua maternal bondade, e eu venho hoje também manifestar a minha gratidão a tão boa Mãe por este favor concedido a meu sobrinho».

D. Perpétua B. Carvalho — Ponte do Sor, agradece à Mãe Santíssima Nossa Senhora da Fátima a graça que do Céu recebeu na doença da um seu filho cuja cura atribui à intervenção de Nossa Senhora da Fátima.

D. Elvira Ganado — Vouzela, mais uma vez agradece à Santíssima Virgem uma insigne graça que concedeu do Céu a uma sua filha em momentos de grande aflição.

D. Eugénia Costa Cravo — Coimbra, tendo recebido uma graça por intermédio de Nossa Senhora da Fátima,

vem por este meio manifestar o seu reconhecimento a Nossa Senhora conforme havia prometido quando a Ela recorreu na sua aflição.

D. Maria de Lourdes Coelho Carleado — Viana do Castelo, escreve dizendo o seguinte, e que pede seja publicado: — «Estando ameaçada de ter de ser operada de apendicite, tive disso tanto horror que me lembrei de recorrer à Nossa Senhora para que disso me livrasse. Fiz-lhe algumas promessas e comeci por beber todos os dias a água do seu Santuário.

A seguir tive um princípio de congestão pulmonar, com a qual estive bastante mal. Continuando sempre com fé a recorrer a Nossa Senhora da Fátima e ao Sagrado Coração de Jesus, no fim de 10 meses o médico declarou-me curada sem que tivesse sido sujeita à operação. Sinto-me agora completamente bem como nunca assim me sentira, graças à querida Mãe do Céu e a seu Divino Filho».

Em carta enviada de S. Eulália de Barrosas em 1935, diz-se o seguinte: — «Tendo recorrido a Nossa Senhora da Fátima e a S. António para implorar do Sagrado Coração de Jesus uma graça muito urgente para umas pessoas de minha família, e tendo alcançado o despacho da minha súplica, venho publicar, como prometi, na «Voz da Fátima», o meu profundo agradecimento a tão boa Mãe».

(a) Maria Sofia Leite de Faria

O Rev. P.^o António Preda da Rocha, Pároco da freguesia de S. Eulália, confirma a veracidade da narração e pede a sua publicação para cumprimento da promessa.

Com pedido de publicação foi recebida a carta seguinte na Redacção da «Voz da Fátima»: — «Estando meu irmão para se ausentar para o estrangeiro, foi acometido por uma doença pulmonar.

Consultado o médico, este afirmou o seu estado ser incurável. Porém eu tinha ainda uma esperança naquela Mãe do Céu que nunca me havia desamparado. Comecei então uma no-

vena em honra de Nossa Senhora da Fátima, fazendo várias promessas, entre elas a de mandar publicar na «Voz da Fátima» a sua cura, se esta lhe fôsse concedida, como tanto se desejava.

Passados poucos dias, meu irmão começou a sentir melhoras que foram progredindo de forma tal que, voltando depois a um especialista, este o encontrou bem de saúde e em condições de poder seguir viagem para o estrangeiro. Hoje, venho cumprir a minha promessa, publicando este favor pelo qual quero render graças e louvores a Nossa Senhora da Fátima.

S. João de Foutouro — Resende (a) Maria Angelina P.^a Rodrigues

D. Francisca da Costa Cardoso Franco — Tavira, diz: — «Tendo obtido por intermédio de Nossa Senhora da Fátima o restabelecimento bem difícil de uma operação a que fui submetida, sentindo-me já relativamente bem, até com surpresa dos meus médicos assistentes, venho pedir que no Jornal «Voz da Fátima» se torne pública esta graça que Nossa Senhora me concedeu. Junto agradeço ao Sagrado Coração de Jesus e a Nossa Senhora todas as graças que do Céu tenho recebido».

D. Maria de Jesus Santos — Pôrto, vem agradecer a Nossa Senhora da Fátima uma graça temporal concedida a seu filho Henrique.

A Redacção da «Voz da Fátima» foi pedida a publicação seguinte, enviada em carta de Ferragudo por D. Idalina da Luz Pinto: — «Meu marido foi consultar o médico que o mandou partir imediatamente para Lisboa a fim de se submeter a uma operação, pois tinha um tumor no fígado e era preciso ser operado quanto antes. Pedi então a Nossa Senhora a cura dele, e Nossa Senhora dignou-se ouvir a minha humilde prece. Logo que chegou a Lisboa foi imediatamente pensado, sem mesmo ir à sala das operações por não haver já tempo porque o tumor tinha rebentado, e assim, por favor da Santíssima Virgem, meu marido goza hoje perfeita saúde sem ter precisado da operação».

D. Ermelinda Pires Gomes — Moínhos — Vila Nova de Poiares, diz: — «Venho com o maior reconhecimento agradecer a Nossa Senhora uma insigne graça que me fez, concedendo-me as melhoras de meu pai, que esteve gravemente doente, fazendo-me ainda mais a grande graça de permitir que ele, ainda bem doente fôsse visitá-la ao seu Santuário, e chegasse a casa melhorzinho, mantendo-se muito bem até hoje».

D. Antónia Maria Pires de Lima da Fonseca — Portalegre, em cumprimento de uma promessa, vem manifestar a sua gratidão para com a Virgem Imaculada Nossa Senhora da Fátima que a atendeu em suas humildes súplicas implorando a restituição da saúde a uma pessoa querida.

D. Maria do Castelo Vieira Abrantes — Coruche, diz: — «Tendo estado gravemente doente e tendo obtido a cura por intercessão de Nossa Senhora da Fátima, venho pedir a publicação da graça da minha cura, como prometi, para honra e glória da Santíssima Virgem que por sua grande bondade e misericórdia se dignou atender os meus pedidos».

NOS AÇORES

D. Lígia R. Alves — Ponta Delgada, vem agradecer a Nossa Senhora da Fátima duas graças que recebeu do Céu, uma em seu favor e outra em favor de sua mãe que se encontrava doente e que, quasi repentinamente, obteve a saúde mediante uma nove-

na feita em seu favor em honra de Nossa Senhora da Fátima.

NA AMÉRICA

D. Julieta R. Sousa — América do Norte, diz: — «Tendo obtido por intermédio de Nossa Senhora da Fátima a cura completa dum meu filho de 4 anos de idade, chamado Manuel de Sousa Júnior, que esteve gravemente doente, venho pedir que no seu Jornal «Voz da Fátima» torne pública esta graça que Nossa Senhora da Fátima se dignou conceder-me».

EM LUBANGO (ANGOLA)

D. Júlia Sanchez Fragozo — Lubango — África Ocidental, diz ter tido durante algum tempo febres elevadíssimas que muito a faziam sofrer. Depois de outras tentativas, com as prescrições da medicina, recorreu a Nossa Senhora da Fátima, e, tendo obtido a sua cura que tanto desejava alcançar, pede aqui seja manifestado o seu reconhecimento por tão desejado favor.

GRAÇAS DIVERSAS

Damos na língua original a notícia que nos enviou uma senhora de Barcelona, actualmente em Roma:

Una primita mia de 3 años de edad, enferma de gravísima pulmonía, está hoy curada y llena de salud, por lo que doy las gracias a N. S.^a de Fátima a quien diriji mis súplicas para ella y deseo se publique esta gracia alcanzada a fim de propagar y aumentar la devoción y la confianza hacia nuestra buena Madre N. S.^a de Fátima.

Maria Perpétua

N.ª Senhora da Fátima no Estrangeiro

O culto de Nossa Senhora da Fátima vai-se intensificando em todas as partes do mundo e cada vez mais.

NA INDIA INGLESA

Reapareceu em Cochim a interessante revista «Our Lady of Fatima» (Nossa Senhora da Fátima), fundada pelo saudoso P.^o Martins S. V., verdadeiro Apóstolo de Nossa Senhora naquelas regiões.

Sua Ex.^{ma} Rev.^{ma} o Senhor D. Abílio, Bispo de Cochim, dignou-se abençoar a nova revista.

Conforme as possibilidades do espaço, iremos reproduzindo alguns artigos e interessantes notícias da nova publicação, certos de que os nossos leitores não-de dar graças a Deus pelo incremento do culto de Nossa Senhora da Fátima.

EM BOMBAIM

A revista «The Angelus» que tanto concorreu para tornar conhecidas as aparições e graças de Nossa Senhora da Fátima inseriu no número de setembro deste ano artigos curiosos sobre Nossa Senhora da Fátima e entre eles um relativo ao pedido do Episcopado português ao Santo Padre para o mundo inteiro ser consagrado ao S.^o Coração de Maria.

NA AMÉRICA DO NORTE

The Messenger of the Sacred Heart publica as impressões duma senhora americana — Miss Catherine Hueck sobre Fátima, cuja peregrinação descreve.

EM FRANÇA

Le Bulletin de l'Archiconfrérie du Cœur Agonisant de Jésus que se publica em Paris, no número de setembro de 1938 trás um artigo sobre a Fátima.

Este número foi visado pela Censura

ÀS MÃES por Moss

História... real

Tão jovem e já tão infeliz. Casara, mas a breve trecho compreendia como fôra estouvada e imprudente na sua escolha. Demasiado nova e inexperiente, com a cabeçita cheia de quimeras e ilusões, não procurara certificar-se se o seu companheiro possuía as qualidades morais e de trabalho indispensáveis a um bom chefe de família, ao sustentáculo e amparo dum lar. Por isso, poucos meses após o casamento a separação se tornou inevitável. E todo o seu sonho tão belo, arquitetado unicamente sobre os frágeis alicerces do amor humano, se desfizera como uma bola de sabão.

Pobre rapariga, tão jovem e tão infeliz!

Mas o Senhor de tamanha infelicidade e amargura e no meio das ruínas do seu lar desfeito fez surgir um raio de esperança, personificado num anjo loiro e lindo como os amores, numa filhinha encantadora, fruto daquela breve e imprudente união, e que era agora toda a alegria e enlevo da mãe.

E aquela rapariga a quem a dor e a desilusão enredilhara e fizera mergulhar num terrível desespero, encara de novo a vida com coragem e alegria, fortalecida e reanimada por um sentimento novo, mais belo e mais forte — pelo amor de mãe. A sua alma sente-se transbordante de amor e gratidão imensa para com o Senhor que lhe dera a sua filhinha,

em que se resume a maior e mais pura alegria da sua vida. É ela, a querida pequenina, que faz com que a mãe se aproxime cada vez mais de Deus, inspirando-lhe um desejo sincero e ardente de perfeição espiritual e moral que dantes nunca sentira.

«Não imagina, minha amiga, dizia-me ela um dia como anseio ser boa e aperfeiçoar-me cada vez mais em tudo para que um dia a minha filhinha possa orgulhar-se de sua mãe, para que um dia eu possa servir-lhe de exemplo e modelo. Por ela sou capaz de renunciar a todas as futilidades de rapariga, por ela sinto-me capaz de realizar os maiores sacrificios».

Como Deus é bom! Como Ele foi generoso para comigo, dando-me este tesouro que é toda a minha felicidade e que é a salvaguarda e defesa nos perigos e tentações que assaltam e rodeiam a minha desolada e desamparada mocidade».

E eu olhava admirada e comovida aquela mãe juvenil, quasi uma criança ainda, que o amor da filhinha animava e transfigurava.

Como Deus é bom, sim, em colocar no coração das mães um afecto tão nobre e tão belo! É felizes e bemditas aquelas que não deixam enfraquecer e estíolar em si o sentimento generoso com que Deus as dignifica e eleva no plano da Criação.

O Crisântemo

O eléctrico parava em frente ao cemitério e esvasiava-se quasi por completo. Gente de várias classes e idades trajando de luto rigoroso ou com a dor mais estampada no rosto do que no traje, uns de aspecto simplesmente grave e outros ainda em ar de romaria folgazã, mas todos carregados de flores, dirigiram-se para o largo portão aberto de par em par sobre alvaras de cantaria e o negrume dos ciprestes.

No fim de todos, após mesmo um coxo envolto em miserável capote e uma velhota ofegante e trôpega, vinha uma rapariguinha de onze ou doze anos levando pela mão uma de seis ou sete e um pequenito que, no eléctrico, conseguira ainda sentar nos joelhos para evitar pagamento de passagem.

Também estes, na mão que lhes ficava livre, levavam um pequeno ramo de «despedidas-de-verão», as modestas antecessoras dos crisântemos.

O vestuário dos três, limpinho e remendado, denotava zelo e cuidado maternas, mas, ali era a campa da mãe que, naquele «dia de finados» as pobres crianças iam visitar.

Trilhavam agora a alameda areada que conduzia lá abaixo, ao campo das sepulturas rasas...

— Olha, Bia... olha!...
E a pequenita soltava a mão da irmã e apontava um pouco adiante, caído no chão, um enorme crisântemo que, pela cor, bem correspondia ao seu significado de «flor de ouro».

— Apressaram o passo e Bia levantou-o encantada.

— Que beleza! disse. Vêem?... Não tinhamos dinheiro para comprar flores bonitas e agora encontramos aqui esta para levarmos à mãezinha...

— Que bom! disseram os dois em côro.

Deram alguns passos mais e de repente estacaram quasi de frente dum jazigo de capela diante do qual uma jovem senhora, de joelhos na terra, metia em duas jarras, que acabara de lavar, soberbos crisântemos a marelos exactamente iguais ao que Bia segurava entre as mãozinhas magras, agora trémulas. O seu primeiro impulso, como que instintivo, fôra para esconder a flor sob o challeito de malha que mal lhe abafava o busto, mas logo avançou resoluta:

— Foi a senhora que deixou cair esta flor, não foi?

A jovem, que não dera pela aproximação dos pequenos, voltou-se surpreendida:

— Foi... Bem me parecia que tinha comprado oito e não achava agora sendo sete... Obrigada!

Pegou no crisântemo ao mesmo tempo que notava as humildes «despedidas-de-verão», pequeninas, arroxadas, já com o viço afectado como por longa caminhada.

— Mas se têm pena de mo dar... Vêm também trazer as suas florinhas... A quem?

— A nossa Mãe, respondeu Bia com os olhos de pronto humedecidos.

— Pois já não têm mãe?...
E a senhora, compadecida, puxou para si o pequenito, ajeitou-lhe a pobre boina sobre a cabeceira doirada, em anéis, e suspirou.

— Nem pai... murmurou Bia. Mas esse morreu lá fora, muito longe...

Então a senhora olhou para os crisântemos, tomou um que ainda tinha na mão e entregou ambos a Bia.

— Toma... para a vossa mãe-

zinha... Até ficam mais bonitas as jarras só com três. São tão grandes...

Radiantes, as crianças agradeceram como puderam e souberam e seguiram o seu caminho quasi correndo.

A jovem senhora ficou pensativa.

— E não lhes dei nada, coitaditos, disse para consigo. Decerto são muito pôbrezinhos.

Acabou de compor as jarras, entrou no jazigo a colocá-las, ajoelhou e orou por algum tempo.

Ao sair veio-lhe ao pensamento o grupo dos orfãozinhos, deteve-se um instante a olhar o sitio por onde tinham desaparecido e encaminhou-se para lá resolvida a ir procurá-los.

Ao fim da alameda, voltou à esquerda, desceu e logo avistou sobre uma sepultura não muito longe a mancha amarela dos crisântemos. De pé, junto dela, como pasmadas, as crianças olhavam aquela terra que lhes escondia o corpo da mãe.

Mas uns passos aproximavam-se e uns braços carinhosos rodeavam-nas ao mesmo tempo que a chuva, que ameaçava toda a manhã, começava a cair suavemente.

— Venham... não podem ficar aqui mais tempo, disse a senhora dos crisântemos. Mas, antes, quero rezar uma Ave-Maria pela vossa mãezinha. Vamos...

— A gente não sabe rezar, respondeu Bia baixando a cabeça, envergonhada.

A porta da residência do dr. Medeiros, num dos bairros mais elegantes da capital, parava pouco depois um taxi do qual descia a nora do que fôra médico distinto e agora não era mais que um farrapo humano torturado pela doença e pelo desgosto de ter perdido o único filho e o único neto, linda criança de três anos de idade. Mas a jovem e enlutada «senhora dos crisântemos» não vinha só: os três pequenos companheiros do cemitério desciam também e a criada que abria a porta recebia ordem de lhes dar imediatamente uma boa merenda junto dum bom lume para lhes secar os pobres vestidos.

Rapidamente Leonor de Medeiros subiu a escada para ir ver o seu doente que estremeia tanto como o próprio pai e a quem se dedicara de todo o coração depois da perda do marido e do filhinho. Pouco depois aparecia na cozinha trazendo um pacote de roupa alva e quentinha, sorridente mas com os olhos rasos de lágrimas.

— Temos de interromper a nossa merenda, seu guloso, disse para o pequenito cujo rosto quasi desaparecia metido numa enorme chicara de cacau. Está todo molhado... Vamos pôr este fatinho num instante.

O garoto hesitava entre a roupa e o cacau; Leonor resolveu o caso dando-lhe um bôlo para trincar entretanto.

Acabada a merenda, postos à vontade numa grande sala, começaram as brincadeiras. Mas Bia preferia conversar com a bondosa senhora; a irmãzinha agarrara-se a um belo livro de estampas e só o pequenito andava de um lado para o outro como uma borboleta.

De repente desapareceu e, quasi em seguida, ouviu-se um grito:

Antoninho!

Leonor, assustada, correu ao quarto do doente que, soergul-

Ida Fisher

Na noite de 12 para 13 de Outubro faleceu em Munique (Baviera — Alemanha) a Senhora Ida Fisher, irmã do rev. dr. Ludwig Fisher, professor da Universidade da Bamberg, que com os seus livros e conferências tem sido o grande apóstolo de Nossa Senhora da Fátima na Alemanha, Suíça e Polónia.

Ida Fisher veio em peregrinação a Fátima e era muito devota de Nossa Senhora da Fátima. Verdaderamente dedicada dirigia «Fatima verlag» com sede em Munique, centro de propaganda de livros, revistas, jornais, e objectos de piedade sobre a Fátima.

Era empregada na Câmara Municipal de Munique e todo o tempo de que podia dispor, dedicava-o a tornar conhecida e amada cada vez mais Nossa Senhora da Fátima.

Faleceu à meia hora depois da meia noite e, portanto, quando os peregrinos na Fátima estavam em Adoração nocturna ao Santíssimo Sacramento.

Paz à sua alma!

Apresentamos os nossos pésames ao sr. dr. Ludwig Fisher e aos nossos leitores pedimos as suas orações e sufrágios.

TIRAGEM DA «VOZ DA FATIMA» No mês de Outubro

Algarve	5.810
Angra	20.810
Beja	3.741
Braga	87.708
Bragança	15.258
Coimbra	16.598
Évora	5.407
Funchal	18.894
Guarda	24.468
Lamego	13.455
Leiria	17.107
Lisboa	11.638
Portalegre	11.259
Pôrto	61.590
Vila Real	30.925
Visu	10.945
Total	355.613
Estrangeiro	3.673
Diversps	16.714
Total	376.000

Incrédulos. Espíritos fortes, etc., etc... — Paris gasta quasi duzentos contos por dia em astrologia, predição, profecias, cartomancia, ocultismo, espiritismo, etc. Há cerca de 34.000 casas de «consultas» em Paris... Certos jornais fazem a média de 300 contos, aproximadamente, com os anúncios das diversíssimas espécies de advinhadores, videntes, etc...

Rejeitam a Verdade e deixam-se levar... por tudo isto! Tão certo é a humanidade precisar de crer, ter fé, sentir o sobrenatural!

Se não crê em Deus, crê no diabo...

do da sua cadeira de repouso, de olhos esbugalhados, estendia os braços para a criança que, parada no meio do quarto, olhava curiosa e amedrontada.

Leonor pegou-lhe ao colo e aproximou-o do sogro, dizendo:

— Pai: é um orfãozinho... Não lhe parece que é Deus que no-lo manda para substituir o nosso Antoninho?

M. de F.

CRONICA FINANCEIRA

Queixa-se o Senhor Reitor do M. amargamente, na sua muito prezada carta a que nos referimos já em o nosso último artigo, da pesada carga que sobrecarrega o pequeno contribuinte dos nossos campos e a propósito diz que «eu e outras pessoas influentes do Estado Novo, devíamos ter a peito, etc., etc...». Ora há aqui um equívoco que me cumpre desfazer. O signatário destas linhas nenhuma influência tem, nem tem tido no Estado Novo. Foi deputado à Assembleia Nacional cujo mandato findou no dia 30 do mês passado e nada mais. Ora a quota parte de influência que dessa posição lhe derivava, era praticamente nula. O seu a seu dono e as honras a quem pertencem. Nada de penas de pavão a que nunca fomos atreitos. Pôsto isto, vamos ao caso.

Concordo plenamente com tudo quanto o Senhor Reitor do M. diz na sua muito prezada carta sobre o ponto em questão. É assim mesmo. Mas parece-me inoportuno tratar do assunto neste momento. É preciso atender à incerteza dos tempos em que vivemos, aos coeficientes de segurança que os governantes têm de tomar, para garantirem com a máxima eficiência o maior de todos os bens que é a Paz, sobretudo a paz interna. O exemplo da nossa vizinha Espanha, de trágica eloquência, basta para nos obrigar a reflectir... Quantas contribuições, até de guerra, não pagariam de boa vontade os espanhóis para evitarem os sofrimentos, a miséria e as ruínas físicas e morais que sobre eles têm desabado nestes dois intermináveis anos de guerra civil? Tem lá comparação a crise por que estamos passando neste momento, nós os portugueses, com a horrorosa desgraça que caiu sobre os nossos vizinhos? É bem certo que os bens só se conhecem quando se perdem e os males quando se padecem... O aforismo de Salomão — «tempus tacendi, tempus loquendi» nunca teve tão oportuna aplicação como no actual momento. De resto, Senhor Reitor do M., as

causas das dificuldades da pequena lavoura são múltiplas e a algumas nos temos referido já neste lugar. A pequena lavoura é, de todas as forças económicas portuguesas, a mais fraca, por ser a mais desorganizada e a mais desunida.

Ora parte da culpa desta situação cabe não ao pequeno proprietário, mas às suas elites que nada têm feito para organizar a pequena lavoura. No dia em que esse inadiável dever seja cumprido, a pequena lavoura será a maior força económica deste país, porque é nas suas mãos que está a maior e a melhor parte das terras portuguesas. E quando a pequena lavoura tiver organizado a grande força de que é senhora, o equilíbrio económico da Nação far-se-á de modo que os produtos do trabalho de todos serão mais equitativamente distribuídos.

Pacheco de Amorim

Fala um médico

XXXI

A ARES

A cada passo, com incrível insistência, os jornais do Pôrto inserem pedidos à Câmara, reclamando que se mutilem ou cortem pelo pé as raras árvores que ornamentam as ruas da cidade. Pena é que a imprensa, que devia ter uma alta função educativa, defenda e preconize a destruição das árvores, nossas irmãs, pois foram, como nós, modeladas pela mão do Criador.

Quem as persegue não faz ideia de quanto devemos ao reino vegetal.

A nossa alimentação deriva d'ele inteiramente; pois, além do pão, das frutas, do vinho e do azeite que nos fornece, até a carne, o leite e os ovos, indirectamente vêm das plantas, através do pasto dos animais.

As árvores, com os seus produtos, cercam-nos durante a vida inteira e até na morte: com elas se fabrica o berço, as mobílias das nossas casas e o caixão que há-de encerrar os nossos restos mortais.

As árvores das cidades não têm apenas função decorativa. É sabido que a sua folhagem verde purifica o ar, carregando-o de oxigénio, que vai arejar os nossos pulmões e enriquecer o próprio sangue. É por isso que povos mais inteligentes que nós enchem de arvoredo as cidades. Londres possui, por exemplo, dois imensos parques plantados de grandíssimos ulmeiros e tapetados de relva sempre verde, parques onde as crianças brincam e os adultos se reúnem e passeiam, e que são, muito justamente, considerados os pulmões da vastíssima cidade.

E na Alemanha e outros países do Norte, constroem-se cidades-jardins, em cujos arruamentos se não vêem casas, que estão retiradas todas para traz, tendo à frente lindos jardins. No eixo dessas ruas, de casas ocultas, há uma fila de árvores, que se deixam crescer livremente como nas florestas.

Nós ainda não compreendemos que a nossa vida e a nossa saúde são incompatíveis com o ar soturno das cidades e com o seu bulício cada vez mais agitado.

Quem se vê obrigado a labutar todo o ano em meios urbanos, deve procurar ter umas férias, tão longas quanto possível, e refugiar-se no campo, alegrando os pulmões com o ar vivificante dos arvedos.

Como é agradável traçar estas linhas à beira dos duas tílias de folhas prateadas e dos três frondosos castanheiros que tenho ali à porta, e que defendo quanto posso do podão dos rústicos!

P. L.

Pedir sempre aos vendedores de jornais as «Novidades», porque, se elles as não trazem, é porque não lhes pedem.